

ENSINO SUPERIOR NA EAD: Uma abordagem sobre as mudanças do papel docente

Higher education in distance education: an approach of the changes of the teaching role

Jessica Wilhelms¹

Resumo: Desde a Idade Média, quando surgiu o Ensino Superior, a sociedade sofreu diversas modificações, e essas afetaram diretamente as atividades nas IES. As mudanças geraram um apelo para a modernização do Ensino Superior, e assim ocorreu a implantação da educação a distância. Consequentemente, o papel docente sofreu alterações em sua prática, comparado com a prática tradicional do regime presencial. Partindo desse pressuposto, quais foram as mudanças ocorridas na prática docente com o surgimento do Ensino Superior na EAD? É com base nesse questionamento que se buscou compreender as mudanças do papel docente no Ensino Superior ofertado pela modalidade à distância. Os resultados foram obtidos através de uma pesquisa básica e exploratória, contendo dados qualitativos e bibliográficos. O histórico da educação superior no Brasil evidencia que a forma como o ensino é tratado no país influencia a qualidade da EAD. O papel docente no ensino a distância é tão essencial quanto no ensino presencial, porém a ênfase demasiada nas tecnologias muitas vezes gera críticas precipitadas sobre a atividade do tutor. Os desafios para o trabalho docente nessa modalidade, como a distância física e o uso das tecnologias, podem ser superados, desde que o docente esteja devidamente preparado para encarar uma nova forma de compreender o processo educativo, o qual é capaz de transformar a educação atual.

Palavras-chave: EAD. Ensino superior. Prática docente.

Abstract: Since the Middle Ages, when higher education has emerged, society has undergone several modifications, and those directly affected activities in HEIs. The changes led to a call for the modernization of higher education, and so was the implementation of distance education. Consequently, the teacher's role has changed in their practice, compared to the traditional practice of attendance. Based on this assumption, what were the changes in teaching practice with the emergence of higher education in distance education? It is with this question that sought to understand the changing role of teachers in higher education offered by distance mode. The results were obtained through a basic and exploratory containing qualitative and bibliographic data. The history of higher education in Brazil shows that the way education is treated in the country influences the quality of distance education. The teaching role in distance education is as essential as in classroom teaching, but too much emphasis on technology often generates critical jump on the activity of the tutor. The challenges for teaching this modality as the physical distance and the use of technology can be overcome as long as the teacher is properly prepared to face a new way of understanding the educational process, which is capable of transforming education today.

Keywords: Distance education. Higher education. Teaching practice.

Introdução

A partir do seu surgimento na Idade Média, originado pelas necessidades impostas por uma sociedade acometida por uma série de transformações religiosas, econômicas, políticas e sociais, o Ensino Superior sofreu e ainda sofre mudanças em seu contexto. No cenário atual, a globalização, a instabilidade do mercado e o avanço tecnológico provocam uma série de mudanças que influenciam vários segmentos da sociedade, incluindo a educação e o Ensino Superior. Para buscar suprir a demanda da sociedade atual, foram adotadas novas práticas para a educação superior, assim, a modalidade de Educação a Distância (EAD) foi aprimorada e implantada em muitas IES.

¹Bacharel em Administração. FURB. Graduanda em Pedagogia. UNIASSSELVI. Pós-graduanda em Docência no Ensino Superior. UNIASSSELVI. E-mail: jwilhelms@outlook.com.

A EAD é uma modalidade de ensino encontrada há muito tempo na área educacional. Seu histórico é dividido em gerações, que demonstram sua evolução com o passar dos anos devido aos avanços tecnológicos na sociedade. Relatam Sartori e Roesler (2005, p. 25) que, “apesar de ser considerada recente para muitos, a EAD registra seus primeiros passos no século XVIII, por meio de cursos por correspondência”, que consistia no ensino baseado em materiais impressos que eram enviados pelo correio, e o aluno realizava seus estudos individualmente. Esses cursos por correspondência remontam à primeira geração da EAD.

A segunda geração foi influenciada pelas novas mídias que surgiram na sociedade da época. Segundo Peters (2001, p. 32), essa geração “[...] baseia-se sobretudo nas possibilidades que a teleconferência oferece em suas diferentes versões”. Para Giusta e Franco (2003, p. 27), “[...] A superação do correio pelo rádio, televisão, fax [...] foi favorecendo, cada vez mais, as possibilidades de aproximação e comunicação entre docentes e alunos e de alunos entre si [...]”, demonstrando que a partir dessa geração os avanços tecnológicos possibilitaram o ensino baseado na comunicação sincrônica, ou seja, quando é possível realizar contato com outras pessoas sem a necessidade de encontros presenciais, através das mídias existentes.

A terceira geração é conhecida por geração *on-line*. Com o surgimento das tecnologias, como o computador e a internet, a EAD ampliou os meios para os alunos desenvolverem a autoaprendizagem. Com as tecnologias, foi possível a “[...] interação entre os seus usuários, [...] passou a ser possível maior agilidade na [...] troca de ideias, a consulta aos professores, tutores, especialistas e aos programas que, permanentemente, atualizam as informações” (GIUSTA; FRANCO, 2003, p. 27). Os avanços tecnológicos desencadeados a partir dessa geração deram lugar para uma quarta geração, em que são realizadas conferências com o uso do computador e, posteriormente, a quinta geração, que está em desenvolvimento e relacionada à inteligência artificial.

De acordo com Moore e Kearsley (2007, p. 1), a EAD se refere a uma metodologia cujos “[...] alunos e professores estão em locais diferentes durante todo ou grande parte do tempo em que aprendem e ensinam”. Para que a relação de ensino-aprendizagem ocorra, são necessárias “[...] técnicas especiais de criação do curso e de instrução, comunicação por meio de várias tecnologias e disposições organizacionais e administrativas especiais” (MOORE, KEARSLEY; 2007, p. 2). Os materiais e as diferentes tecnologias utilizadas nas gerações da EAD se complementam para oferecer um ensino diversificado e adequado aos alunos que estudam nessa modalidade.

Com a implantação da EAD na educação superior, o trabalho docente foi desafiado a mudar sua prática pedagógica para se enquadrar a esse método de ensino baseado na autoaprendizagem e no estudo independente. Partindo desse pressuposto, quais foram as mudanças ocorridas na prática docente com o surgimento do ensino superior na EAD?

Para responder a esse questionamento, o objetivo geral desse artigo foi compreender as mudanças ocorridas na prática docente no Ensino Superior com o surgimento da EAD em relação ao ensino presencial. Os objetivos específicos descritos para compreender essas mudanças foram: identificar a relação da EAD com o desenvolvimento do Ensino Superior; reconhecer o papel do docente na construção de conhecimento dos alunos na EAD; relatar os desafios da prática docente na EAD.

Os instrumentos utilizados para coleta de dados nesse artigo foram: pesquisa básica, qualitativa, exploratória e bibliográfica. A pesquisa básica foi usada na intenção de produzir conhecimento, porém sem uma aplicação prática no decorrer da pesquisa. Por sua vez, a abordagem qualitativa foi aplicada devido ao conteúdo do artigo não ser mensurável, mas, sim, de caráter subjetivo. “Na pesquisa qualitativa o pesquisador procura reduzir a distância entre a teoria e os dados [...]. As experiências pessoais do pesquisador são elementos importantes na

análise e compreensão dos fenômenos estudados” (TEIXEIRA; 2012, p. 137). Foi utilizada como técnica da abordagem qualitativa a observação não estruturada, do método presencial e à distância de ensino. Segundo Marconi e Lakatos (2010, p. 175), “a técnica da observação não estruturada ou assistemática [...] consiste em recolher e registrar os fatos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas diretas [...]”.

A pesquisa foi realizada com base na construção de hipóteses sobre a problemática escolhida, caracterizando-a como exploratória. Para Marconi e Lakatos (2010, p. 171), as pesquisas exploratórias “[...] são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno [...]”. A coleta de dados bibliográficos foi realizada para desenvolver e fundamentar o conteúdo, ou seja, método que se utiliza de material já publicado sobre o assunto relacionado para desenvolver essa pesquisa. Conforme Marconi e Lakatos (2010, p. 142), “a pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema”.

O conteúdo desse artigo apresenta um breve histórico da educação superior no Brasil, demonstrando a participação da EAD para a ampliação e modernização das IES, bem como sobre a busca pela qualidade do ensino, relacionando as mudanças no papel do professor na modalidade da educação a distância e as dificuldades e desafios encarados pelos docentes nesse modelo educacional.

Ensino superior na EAD

A modalidade da EAD surgiu com o intuito de ampliar a oferta do Ensino Superior, expandindo oportunidades e atendendo a um grande número de pessoas com diferentes interesses e disponibilidade de tempo para estudar. Segundo Moore e Kearsley (2007, p. 21), a EAD “[...] significa que mais pessoas estão obtendo acesso mais facilmente a mais e melhores recursos de aprendizado do que podiam no passado, quando tinham de aceitar somente o que era oferecido localmente [...]”. Por se tratar de uma modalidade de ensino, os estudantes que fazem cursos superiores no formato da EAD possuem os mesmos conteúdos e certificação que os estudantes que realizam o ensino presencial. Conforme Maia e Máttar (2007, p. 9), “em princípio, o público da EAD é ilimitado. Cabe, entretanto, lembrar que alguns setores são beneficiados com o progresso da educação a distância, pois não teriam acesso a programas tradicionais de educação [...]”.

As diferenças entre o ensino na modalidade em EAD e o presencial estão nos meios utilizados para promover o processo de ensino-aprendizagem, como as tecnologias utilizadas, a forma como o tempo é administrado e no papel diferenciado que o docente e o discente estabelecem para ensinar e aprender, bem como a maneira que o contato para a troca de ideias, saberes, experiências e opiniões é realizado. Com ênfase nessas diferenças, alerta Behar (2009, p. 24) que:

Assiste-se, nos últimos tempos, ao desenvolvimento de uma infinidade de propostas didático-pedagógicas para a EAD. À medida que vão aparecendo no mercado novas tecnologias, elas vão sendo incorporadas ao sistema educacional, fazendo com que as questões de EAD sejam olhadas mais do ponto de vista tecnológico do que pedagógico. Isso traz resultados negativos, levando ao fracasso escolar, pois se colocam como foco as mudanças tecnológicas e não as paradigmáticas.

Um olhar mais atento na preparação dos docentes e o suporte das instituições de ensino para esses profissionais são essenciais, tanto na educação a distância quanto na presencial. A implantação da EAD no Brasil não acompanhou o processo de formação docente específica para essa modalidade; entretanto, nos fatos históricos que permeiam a educação no Brasil, torna-se explícito que problemas da mesma natureza também foram identificadas ao longo da história do ensino presencial em nosso país. Portanto, para compreender o papel docente no Ensino Superior na EAD, é necessário compreender os processos históricos que nortearam a educação nesse sentido.

EAD e a evolução do Ensino Superior

A educação no Brasil ocorreu de forma tardia, devido à forte resistência por parte de seus colonizadores em desenvolver a região. A intenção dos colonizadores era apenas de manter uma colônia para produção de riquezas ao Império e, conseqüentemente, durante muito tempo, a educação ocorreu apenas com a finalidade de catequizar os índios, tarefa realizada pelos jesuítas, que visavam a converter aqueles à cultura europeia colonizadora.

Muito tempo depois, com a vinda da família real ao Brasil, é que a educação iniciou seu processo de mudança e começou a ser desenvolvida para atender à elite. De acordo com Cunha (2007a, p. 63), “a partir de 1808 foram criados cursos e academias destinados a formar burocratas para o Estado e especialistas na produção de bens simbólicos; como subproduto, formar profissionais liberais”. A partir da transferência da família real para o Brasil é que o Ensino Superior começou a se desenvolver de maneira baseada em modelos encontrados na Europa da época. Conforme Cunha (2007a, p. 65), “o Ensino Superior, recriado a partir de 1808 e completado no Primeiro Reinado, foi estruturado em estabelecimentos isolados. Desde aquela época, entretanto, sucessivas tentativas procuravam reuni-los em universidade”.

Após o período da independência do Brasil, com a criação da Constituição e a Proclamação da República em 1889, entre altos e baixos, a sociedade brasileira foi garantindo direitos em diversas áreas, incluindo na educação. No período do século XX, segundo Cunha (2007a, p. 134), “[...] surgiram os primeiros estabelecimentos de Ensino Superior no Brasil com o nome de universidade, sendo a do Rio de Janeiro (1920) e a de Minas Gerais (1927) as que vingaram”.

As primeiras décadas do século XX foram marcadas pela luta entre as classes, a procura crescente por formação escolar básica e superior, a insatisfação com o ensino oferecido que não condizia com a demanda do trabalho e da sociedade, além da falta de autonomia nas universidades. Diante desses fatos, relata Cunha (2007b, p. 61) que, “assim, a escola superior e a Igreja passaram a ser incapazes de dissimular as contradições da sociedade. Alguns de seus segmentos passaram mesmo a explicitá-las, tendo certos setores dessas instituições chegado a tomar partido contrário ao tradicionalmente defendido”.

Mediante as críticas ao Ensino Superior da época, a sua necessidade de modernização e somado ao período conturbado sofrido pela educação no golpe militar ocorrido em 1964, a educação superior no Brasil sofreu muitas mudanças, seja de ensino público ou privado. Em 1968 foi consolidada a reforma universitária, dando lugar a um novo Ensino Superior no país.

Criaram-se condições propícias para que determinadas instituições passassem a articular as atividades de ensino e de pesquisa, que até então – salvo raras exceções – estavam relativamente desconectadas. Aboliram-se as cátedras vitalícias, introduziu-se o regime departamental, institucionalizou-se a carreira acadêmica, a legislação pertinente acoplou o ingresso e a progressão docente à titulação acadêmica (MARTINS, 2009, p. 16).

Com o passar das décadas, o Ensino Superior sofreu grande expansão de oferta e demanda. A educação, incluindo o Ensino Superior, foi fortalecida efetivamente na Constituição Federal de 1988 e posteriormente com a criação da Lei 9.394/96. Através desses documentos, a área educacional passou a ser ampliada em grande escala, incluindo a educação superior. Com essa expansão significativa, o ensino presencial ofertado não era suficiente para a demanda da educação superior.

A partir desse contexto, outras modalidades de ensino precisaram ser buscadas para a expansão das IES. Assim, a EAD foi percebida como uma grande oportunidade. Afirma Alves (2007) que essa modalidade de ensino está presente no Brasil desde meados de 1900, com a oferta de cursos por correspondência. Nas décadas seguintes, a EAD no Brasil foi condicionada às gerações dessa modalidade com base nas tecnologias que foram surgindo. Segundo Maia e Máttar (2007, p. 27), “no fim da década de 1980 e início dos anos 90, nota-se um grande avanço da EAD brasileira, especialmente em decorrência dos projetos de informatização, bem como da difusão das línguas estrangeiras [...]”.

De acordo com Maia e Máttar (2007, p. 29), “a partir de 1988, passaram-se a normatizar os procedimentos de credenciamento de instituições para a oferta de cursos de graduação e educação profissional tecnológica a distância”. Esse foi um grande passo para o acesso à educação superior e a consolidação dessa modalidade, deu-se início à discussão de questões sobre a qualidade do ensino, a prática pedagógica desenvolvida e a importância das tecnologias no aprendizado.

O sucesso das TICs depende do modo como elas são utilizadas. É importante entender que elas são um auxílio, e não a peça-chave da educação. Além de contribuírem com o aprendizado e abrir possibilidades e espaços, aliadas à educação, elas cooperam no enfrentamento dos desafios atuais, o que não era possível em outros momentos (CERVI; RAUSCH, 2014, p. 117).

O final dos anos 90 não nos trouxe apenas a internet e a possibilidade do trabalho em redes de colaboração, mas também reflexões sobre práticas e metodologias pedagógicas que permitissem o uso de ferramentas interativas para melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem, o que coincidiu, não por acaso, com a necessidade de se reformatar o Ensino Superior e criar diferenciais competitivos (MAIA; MÁTTAR, 2007, p. 29).

A busca pela qualidade na EAD iniciou uma discussão sobre a prática docente, que possui os mesmos princípios do ensino presencial, porém contém particularidades que devem ser compreendidas, como as diferenças na metodologia, com a utilização das tecnologias e da distância física. O papel do docente sofreu transformações com as mudanças na educação superior e no perfil do discente, por isso o professor precisa estar preparado para realizar a prática do ensino condizente com a situação atual.

O papel docente na EAD

A EAD surgiu com o intuito de ampliar a educação superior, promover inclusão social e democratizar a educação superior. Diferente do que se pode pensar, o docente tem papel fundamental para promover a aprendizagem dos alunos, precisa estar preparado para lidar com uma nova didática que se encaixe no contexto dessa modalidade. O docente que atua na EAD pode ter papel de tutor e autor de materiais, cada atuação tem suas particularidades, todas muito importantes para a eficácia da aprendizagem à distância.

O professor na educação a distância é tratado como tutor, atua em cursos cujos cronogramas podem ser totalmente à distância ou estabelecer alguns encontros presenciais durante os módulos ou disciplinas. O tutor deve ter seu trabalho centrado nos mesmos princípios de um professor do ensino presencial, em que o planejamento, a metodologia e a avaliação são itens essenciais para o trabalho docente em ambos os casos. A prática pedagógica na EAD deve estar centrada e adaptada à metodologia de cada instituição, às tecnologias utilizadas, aos desafios da distância física entre professor e aluno e à independência dos estudantes que resultam em outros limites, possibilidades e resultados.

O papel reservado ao tutor é também uma das variáveis que definem o modelo de EAD de uma instituição. O tutor pode estar totalmente engessado, quando os conteúdos e mesmo as atividades para seus cursos já estão prontos e predeterminados pela instituição, ou pode ser o *designer* de seu curso e autor de seu material, em modelos mais flexíveis [...] (MAIA; MATTAR, 2007, p. 53).

Essas práticas de ensino podem ser evidenciadas não só pelos tutores na modalidade à distância, mas também na oferta presencial, cujos docentes dependem do modelo adotado pelas instituições de ensino. Trata-se, portanto, do modelo empregado pelas instituições e não de diferenças entre tutor ou professor, ensino a distância ou presencial. Independentemente da situação, o tutor, muito mais do que cumprir um planejamento, uma metodologia e uma avaliação, deve trabalhar como orientador de estudos, instigador de conhecimento, disseminador das ferramentas tecnológicas, auxiliar no aprimoramento de habilidades de leitura, síntese, crítica, metodologia científica e redação, competências essenciais para o discente no transcorrer do seu curso e da sua vida acadêmica.

As tecnologias atuais são produtos da globalização, que foi a grande responsável pelas transformações educacionais. Ter pleno domínio das ferramentas tecnológicas e da internet é essencial para qualquer docente no cenário atual, especialmente para o tutor que tem essas ferramentas como base da sua prática pedagógica. Por isso, a habilidade na área tecnológica é pré-requisito para a atuação do docente na EAD, e sua utilização serve como base para uma metodologia de aula diversificada, seja por meio de materiais publicados, videoaulas ou conferências, fóruns, entre outros tantos.

O trabalho docente lida com diversos perfis de alunos, o que na educação superior só se agrava devido às diferentes características dos alunos inscritos, como idade, estado civil, situação financeira e acadêmica, entre outros. Na EAD, o tutor tem um agravante, que é a distância física, que dificulta a percepção sobre a situação do aluno durante o processo de ensino-aprendizagem, por isso o tutor deve utilizar as tecnologias a seu favor, buscando contato com os alunos, demonstrando disponibilidade e interesse em auxiliar na sua aprendizagem, buscar contribuir no desenvolvimento da competência autônoma do acadêmico, desvinculando a ideia de que o professor é detentor único de conhecimento ou que na EAD o papel do docente seja secundário.

O docente, como produtor de materiais para o ensino a distância, deve ser um bom redator de textos, fazendo uso de uma linguagem clara, dialógica, objetiva diante dos propósitos curriculares e fundamentada em referências atuais e consistentes. Os materiais didáticos são essenciais para a qualidade do ensino nessa modalidade; portanto, grande responsabilidade recai sobre o docente autor de conteúdo. Por isso, é fundamental que para a elaboração desses materiais o docente autor seja capacitado, conheça os mecanismos para o desenvolvimento de um material conivente com a realidade, que transmita os saberes pertinentes e que desencadeie uma reflexão crítica e não baseada na memorização de conceitos, pressupostos básicos para construção do conhecimento.

Desafios da docência na EAD

Na EAD, diversos desafios fazem parte da rotina diária do docente que atua nessa modalidade educacional. A distância física é um elemento julgado como de maior dificuldade para ser administrada.

Existem diversos fatores que tornam o ensino de um curso de educação a distância diferente do ensino em uma sala de aula tradicional. A diferença mais óbvia é que, como instrutor, você não saberá como os alunos reagem ao que você redigiu, gravou ou disse em uma transmissão [...], a menos que optem por informá-lo por meio de algum mecanismo de *feedback* (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 147).

Para administrar essa distância, é necessário que o docente esteja engajado com seus discentes, através das ferramentas tecnológicas disponibilizadas, aproveitando o contato por esses meios, explicitando a sua disponibilidade, objetivos e metodologia, bem como no ensino semipresencial aproveitar os encontros para perceber o perfil da turma e estabelecer um vínculo com os estudantes. No ensino a distância, outro “[...] desafio para a maioria dos professores é o fato de este ser conduzido por intermédio de uma tecnologia” (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 147). Desta forma, distância e tecnologia são elementos que se complementam para suprir as lacunas no processo de ensino-aprendizagem na EAD, e o docente deve estar capacitado para isso.

A utilização de outras metodologias também é um fator que desafia muitos docentes. A prática de aula expositiva detém uma grande parcela do fazer docente dentre os métodos utilizados para lecionar. Isso implica a dificuldade de professores se adaptarem à docência na EAD, como também alguns alunos que acabam despreparados para essa forma de aprendizagem, por estarem engessados nessa prática tradicional.

O docente precisa de uma visão inovadora para trabalhar com a EAD, perceber o aluno como o protagonista de sua aprendizagem, porém sem cair na armadilha de que o estudante deve buscar os saberes e obter conhecimento de forma isolada, servindo apenas de suporte para eventuais dúvidas. Desenvolver alunos capazes de atingir uma aprendizagem autônoma deve ser o objetivo norteador de um tutor. Direcionar conteúdos e instigar a pesquisa são elementos básicos, o desafio é de saber ensinar o aluno a aprender a aprender. Para tanto, o próprio docente deve ter essa característica aguçada para estar apto a ingressar no caminho da EAD. Pode parecer simples, mas não existem fórmulas prontas para adquirir esse conhecimento. O que existem são ferramentas e caminhos, mas elas mudam de acordo com o aluno, por isso é um trabalho que exige tempo, treino e um suporte contínuo.

O grande desafio encontra-se na realidade, o problema e as dificuldades pertinentes são originados nos fundamentos educacionais brasileiros, ainda baseados na docência tradicional e tecnicista. Docentes e discentes são formados durante toda ou grande parte da sua vida influenciados pela exposição de conteúdos, limitações didáticas e forte dependência dos alunos ao professor para absorção de informações e construção de conhecimento. O desinteresse e a indisciplina são reflexos dessas práticas ultrapassadas ainda utilizadas em demasia no ensino presencial. Essa cultura educacional gera amplas discussões sobre a EAD, a docência nessa modalidade e a qualidade do ensino. A educação a distância está em amplo crescimento no Brasil, o apelo pela modernização de todo o sistema educacional e a valorização e a formação contínua dos professores são elementos básicos para que o processo de ensino-aprendizagem evolua.

Considerações finais

A sociedade se transforma de acordo com a globalização e os seus efeitos. O avanço das tecnologias propiciou uma nova maneira de encarar o mundo, de viver e conviver, de realizar descobertas, de ensinar e aprender. Dentre as inúmeras mudanças, a educação como um todo sofreu e ainda sofre transformações. A educação superior passou a ser vital para o desenvolvimento da sociedade. O aumento da demanda por Ensino Superior ocasionou a necessidade de novas formas de se conceber essa formação para atingir um maior número de pessoas e, conseqüentemente, obter profissionais mais capacitados nas diversas áreas.

No Brasil, os acontecimentos históricos demonstram a progressiva evolução da sociedade, o avanço da educação, o apelo pela modernização do ensino e o aumento da demanda para a educação superior. Em território brasileiro, esse progresso foi dado a passos lentos; entre idas e vindas, a evolução da Constituição e a chegada da democracia propiciaram que um novo contexto educacional fosse construído no país.

A educação a distância foi um dos produtos das mudanças na sociedade. Sua implantação propiciou o aumento de pessoas com acesso ao Ensino Superior, através da facilidade dos meios de estudo, o custo reduzido e a flexibilidade para administrar o tempo. Com a rápida expansão dessa modalidade de ensino, surgiram inúmeras discussões sobre padrões de qualidade da EAD e a sua eficácia na formação superior. O papel docente passou a ser questionado nessa modalidade e tratado com particularidades.

Inicialmente, a própria questão de se enfatizar diferenças entre professor e tutor evidencia as diferenças impostas. Discussões acerca do docente e o seu trabalho na EAD e no ensino presencial despertam olhares para confrontar as ideias de que o profissional que atua na EAD tem papel diferenciado do que atua no presencial. O professor sempre será professor, seja ele atuando na modalidade presencial ou à distância. As nomenclaturas não devem ser tratadas como diferenças do trabalho docente, e sim identificar as diferentes formas que o professor tem a oportunidade de ensinar. A discussão mais coerente deveria ser voltada ao modelo educacional brasileiro e na formação do professor, e como isso influencia o trabalho docente e sua ocorrência nas instituições.

Os desafios da docência na EAD perante esse contexto evidenciam, além dos fatores mais óbvios, a distância física e a utilização das tecnologias para o processo de ensino-aprendizagem. A forte presença do ensino tradicional amplamente utilizado no ensino presencial pode ser vista como uma forte barreira para a educação a distância. No entanto, é um obstáculo que pode e deve ser ultrapassado para a modernização da educação superior.

Portanto, avançar na educação a distância reconhecendo o papel vital que o docente possui para a qualidade do processo de ensino-aprendizagem é fator essencial para o alcance dos objetivos educacionais. A EAD é uma propulsora da modernização do ensino, do avanço da pesquisa, da formação de pessoas preparadas para o novo contexto em que a sociedade está inserida, mas para isso é necessária a conscientização, a valorização e a formação docente específica nessa área que está em expansão.

Referências

ALVES, João Roberto Moreira. **A história da educação a distância no Brasil**. Rio de Janeiro: IPAE, 2007. Disponível em: <http://www.ipae.com.br/pub/pt/cme/cme_82/index.htm>. Acesso em: 17 mar. 2016.

BEHAR, Patricia Alejandra. **Modelos pedagógicos em educação a distância**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CERVI, Gicele Maria; RAUSCH, Rita Buzzi. **Docência universitária**: concepções, experiências e dinâmicas de investigação. Xanxerê: Meta Editora, 2014.

CUNHA, Luiz Antônio. **A universidade temporã**: o ensino superior, da Colônia à era Vargas. 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2007a.

_____. **A universidade crítica**: o ensino superior na república populista. 3. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2007b.

GIUSTA, Agneta da Silva; FRANCO, Iara Melo. **Educação a distância**: uma articulação entre a teoria e a prática. Belo Horizonte: Editora PUC-MG, 2003.

MAIA, Carmem; MÁTTAR, João. **ABC da EAD**: a educação a distância hoje. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, Carlos Benedito. A reforma universitária de 1968 e a abertura para o ensino superior privado no Brasil. **Educação e sociedade**, Campinas, v. 30, n. 106, p. 15-35, jan/abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n106/v30n106a02>>. Acesso em: 17 mar. 2016.

MOORE, Michael; KEARSLEY, Greg. **Educação a distância**: uma visão integrada. São Paulo: Cengage Learning, 2007.

PETERS, Otto. **Didática do ensino a distância**: experiências e estágios da discussão numa visão. São Leopoldo: UNISINOS, 2001. Tradução de: Die Didaktik des Fernstudiums: Erfahrungen und Diskussionsstand in nationaler und internationaler Sicht.

SANTOS, João Almeida; PARRA FILHO, Domingos. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SARTORI, Ademilde; ROESLER, Jucimara. **Educação superior a distância**: gestão da aprendizagem e da produção de materiais didáticos impressos e *on-line*. Tubarão: Ed. Unisul, 2005.

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias**: acadêmica, da ciência e da pesquisa. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.
